

COTIDIANOS DA MACHOSFERA: RESSENTIMENTO E A REAFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE

MARCOS AURÉLIO DO CARMO ALVARENGA¹; JOÃO NUNES DE SILVA NETO; SABINA VALLARINO SEBASTI³; MÁRCIO RODRIGO VALE CAETANO⁴

¹*Faculdade de Educação/UFPel – marcos.aurelioca.8@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jnsn97@gmail.com*

³*Universidade da República de Uruguay – sabinasebasti@gmail.com*

⁴*Faculdade de Educação/UFPel – mrvcaetano@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A formação de comunidades *online* reflete as transformações sociais e culturais que vêm ocorrendo nas últimas décadas. Essas redes sociais digitais têm desempenhado um papel importante na formação e disseminação de comunidades *online* com variados interesses, se tornando um ponto de encontro para sujeitos que compartilham das mesmas crenças e compreensões de mundo, como também posicionamentos contrários ao que se é apresentado nesses espaços. Nesse cenário, emerge os movimentos sociais reacionários masculinistas conhecidos atualmente como machosfera.

Segundo GING (2019) a machosfera é composta por uma variedade de grupos e subgrupos online, que buscam abordar temas relacionados à noção de masculinidade tradicional, que de acordo com CONNELL (1995) essa masculinidade tradicional é compreendida como um modelo de ser homem baseado na força, no domínio, no controle e na rejeição/oposição a tudo aquilo que é percebido como feminino ou frágil.

Em suas discussões, a machosfera busca questionar às relações de gênero, como também estão fortemente associados às perspectivas antifeministas (GING, 2019). Formada por fóruns e grupos de discussão em redes sociais digitais, a machosfera constitui um espaço no qual homens cisgênero se reúnem para compartilhar experiências, trocar informações e construir narrativas masculinistas sobre o tipo de sociedade adequada, para o homem moderno na sociedade contemporânea, segundo suas visões.

Em meio a esse cenário discursivo emerge a seguinte pergunta: “Como se desenvolvem as concepções de masculinidade através dos discursos reacionários no cotidiano das redes sociais digitais da machosfera?”. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como se constituem as concepções de masculinidade nos cotidianos digitais da machosfera, a partir dos discursos reacionários produzidos nas redes sociais.

2. METODOLOGIA

Este estudo mergulha no cotidiano digital da machosfera para entender como os discursos de masculinidade são construídos. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, o qual de acordo com SEVERINO (2017) a pesquisa qualitativa permite analisar a fundo os significados e interações que moldam a identidade desses grupos nas redes sociais.

Para isso, o trabalho se baseia na teoria das Pedagogias Culturais. Segundo GIROUX (2013), a cultura é um espaço central de aprendizado, onde as identidades se formam e o poder é disputado. As redes sociais, nesse sentido, não são neutras. Elas se tornam campos de batalha de discursos, onde diferentes

visões de mundo competem e as dinâmicas sociais de poder são constantemente criadas e recriadas.

O estudo também se volta para a Pedagogia Cultural Visual, pois os elementos visuais na machosfera – como memes e imagens – têm um grande poder de comunicação, além de ser um dos principais meios de interação social utilizadas por essa esfera. Eles transmitem narrativas complexas e atingem um público amplo de forma rápida, aproveitando os recursos das plataformas digitais. Desse modo, a pesquisa analisará esse cotidiano masculinista nas redes sociais, se focando em perfis emblemáticos, como *coach* da Campari Tiago Schutz “@thiagoschutzoficial” no Instagram, o perfil “O Homem Racional” no Facebook e o perfil RedPill Internacional “@IronStrideWarrior” no X (antigo Twitter).

A coleta de dados será feita durante 12 meses para construir um conjunto de informações robusto e observar a evolução dos discursos e estratégias pedagógicas. A principal técnica de análise será a Análise Temática, com foco nas visualidades. O objetivo é identificar padrões e temas que surgem da combinação de imagens e textos curtos (legendas e memes). O resultado será uma análise detalhada de como a dimensão visual opera para constituir, validar e disseminar as concepções de masculinidade na machosfera.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As transformações culturais e políticas estão por trás do ressurgimento e da evolução de grupos na machosfera (THISOTEINE et al., 2021). Um fator chave nessas mudanças é o questionamento das normas de gênero tradicionais e as crises que a masculinidade tem enfrentado. Nas últimas décadas, a crescente conscientização sobre questões de gênero e a busca por igualdade têm desafiado/tensionado os papéis tradicionais de homens e mulheres. Em resposta, surgiram grupos que resistem a essa mudança, defendendo uma visão mais conservadora da masculinidade e dos papéis de gênero na sociedade atual.

O aumento do populismo e do nacionalismo de direita em diversos países tem sido um fator crucial. Esses movimentos políticos frequentemente usam uma retórica que ataca o feminismo e a igualdade de gênero, o que tem alimentado e fortalecido os discursos produzidos pela machosfera (THISOTEINE et al., 2021; LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022). Além disso, a proliferação das redes sociais e da tecnologia da informação revolucionou a forma como os membros dos grupos se interagem e operam. As plataformas digitais facilitaram a formação de comunidades *online*, permitindo que os integrantes da machosfera se conectem facilmente, compartilhem suas narrativas e, assim, ampliem a influência de suas narrativas e discursos.

Além disso, crises sociais, culturais e econômicas – como recessões, instabilidade política e o aumento da desigualdade – criam um ambiente propício para o surgimento de movimentos reacionários. Em momentos de insegurança e incerteza, as pessoas tendem a se voltar para discursos que se opõem a mudanças sociais ou culturais. É nesse contexto que a retórica masculinista ganha força, buscando reafirmar modelos tradicionais de masculinidade como uma forma de resistência simbólica contra a ampliação de direitos e a diversidade de gênero.

Essa resistência às mudanças sociais vai além de uma simples discordância. Ela se manifesta como uma reação profunda e identitária, impulsionada pela percepção de perda de privilégios e *status* (VILAÇA; D'ANDRÉA, 2021). Isso ocorre especialmente em grupos que, por terem desfrutado de uma posição historicamente dominante, encaram as transformações sociais como uma ameaça direta à sua identidade e ao seu lugar na sociedade. Além disso,

[...] as chamadas crises das masculinidades são cenários perfeitos para a construção do pânico e o neoconservadorismo político oferece o recrudescimento da moralidade e dos valores da família cisgenderpatriarcal como a solução (SILVA; FERREIRA; CAETANO, 2022, p. 11).

Em resposta a crises sociais e culturais, como a crise de identidade masculina e a percepção de uma suposta decadência dos valores tradicionais, os grupos da machosfera oferecem explicações simplistas para problemas complexos. Esses discursos geralmente reduzem questões sociais profundas, como a desigualdade de gênero e as mudanças nos papéis familiares, a causas fáceis de apontar. O feminismo, a modernidade ou as políticas progressistas se tornam bodes expiatórios para culpar por frustrações pessoais e incertezas coletivas. Ao fazer isso, esses grupos criam uma narrativa que desvia a atenção das complexas raízes dos problemas e fortalece sua própria visão de mundo.

Nesse cenário, os discursos neoconservadores se tornaram atraentes para a machosfera por várias razões. Eles costumam apelar para a nostalgia e a preservação de valores tradicionais, algo que ressoa com quem se sente desconfortável ou ameaçado por transformações sociais e culturais, em especial na reconfiguração das relações de gênero. A ascensão de mulheres brancas a posições de liderança e sua maior autonomia econômica, por exemplo, confrontam diretamente estruturas que historicamente privilegiaram o domínio masculino. Nesse contexto, homens que se identificam com padrões tradicionais de masculinidade podem encarar essas mudanças como uma perda de *status* ou poder, o que fortalece discursos masculinistas e reacionários que buscam restaurar hierarquias históricas.

Discursos neoconservadores atraem a machosfera ao prometerem ordem social, estabilidade e autoridade como uma resposta à incerteza da vida moderna. Para os membros da machosfera, esses valores são vistos como uma forma de resistência ao feminismo e a outras pautas progressistas (SILVA; FERREIRA; CAETANO, 2022). A valorização da hierarquia e da autoridade tradicional é usada para tentar restaurar uma noção de masculinidade que eles consideram ameaçada pelos avanços sociais de grupos marginalizados. Essa aliança com o neoconservadorismo alimenta sentimentos de ressentimento e injustiça. Por exemplo, é comum que membros da machosfera culpe o feminismo pela chamada "crise da masculinidade" ou afirme que políticas de inclusão criam uma "inversão de privilégios", desfavorecendo homens – especialmente os brancos, cis e heterossexuais – no mercado de trabalho e no espaço público.

Nesse cenário, a análise de BROWN (2019) nos ajuda a entender que o neoliberalismo, ao criar um sujeito competitivo e individualista – *homo œconomicus* – e desmantelar redes de segurança social, gera um sentimento de ressentimento. Esse sentimento, em vez de se voltar contra as estruturas de poder, é direcionado a alvos mais vulneráveis, como minorias e mulheres. Desse modo, a "crise da masculinidade" não é um resultado direto do feminismo, mas sim um sintoma da precarização social. No entanto, ela é convenientemente canalizada por movimentos masculinistas e neoconservadores para culpar o feminismo e políticas de inclusão pelas dificuldades de se reafirmar em um mundo instável.

Os discursos neoconservadores funcionam, portanto, como catalisadores de frustrações. Eles direcionam a sensação de alienação e insegurança para uma crítica às pautas de igualdade de gênero e justiça social. Essa retórica promove

uma visão de mundo binária e hierárquica, onde homens são naturalmente superiores às mulheres (SILVA; FERREIRA; CAETANO, 2022). Para indivíduos que se sentem ameaçados por essas mudanças, o neoconservadorismo oferece um refúgio discursivo identitário (THISOTEINE et al., 2021). Ao simplificar a complexidade social, esses discursos dão sentido a um mundo que parece caótico. Eles capitalizam o medo, o ressentimento e a sensação de perda, prometendo restaurar valores de gênero, autoridade e hierarquia que ressoam fortemente entre aqueles que se sentem deslocados pelas pautas progressistas contemporâneas.

4. CONCLUSÕES

Este estudo se aprofunda nos cotidianos digitais da machosfera para entender como as concepções de masculinidade são construídas e disseminadas. A partir de uma análise qualitativa dos discursos reacionários nessas redes, a pesquisa se baseia nas Pedagogias Culturais para mostrar que esses espaços online não são neutros, mas sim ambientes que ensinam ativamente certos modelos de masculinidade. A resistência a mudanças sociais é uma reação à percepção de perda de privilégios e *status*, e a machosfera capitaliza essa sensação de insegurança. Ao oferecer explicações simplistas e culpar o feminismo, a modernidade e as pautas progressistas, esses grupos se aliam a discursos neoconservadores para atrair um público que se sente ameaçado pelas transformações de gênero e pelas crises sociais. A pesquisa também investiga a dimensão visual desses discursos, pois elementos como memes e imagens funcionam como um currículo cultural que reforça a visão de mundo desses grupos, buscando restaurar hierarquias de poder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**; tradução Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- CONNELL, Raewyn. “Políticas de Masculinidade”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p 185-206, 1995.
- GING, Debbie. “Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere.” **Men and Masculinities**. Advance online publication, 2019.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais transformadores**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de Cristina G. de Almeida. Porto Alegre: Penso, 2013.
- LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio Dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2017.
- SILVA, José Rodolfo Lopes da; FERRARI, Anderson; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Masculinismo, neoconservadorismo e pedagogias culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 22, p. e2189, 2022.
- THISOTEINE, George Miguel et al. Homens, violência e consumismo: Análise da masculinidade nos grupos virtuais MGTOW e do filme “clube da luta. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 540-562, 2021.
- VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021.